

# Globalização e futebol: o mercado mundial de transferência de jogadores e a questão centro-periferia no Brasil

DOI: 10.54446/bcg.v13i1.3020

Rodrigo Almeida<sup>1</sup>

## Resumo

Esse trabalho visa discutir e refletir acerca das condições periféricas ao qual o futebol brasileiro está inserido na divisão internacional do trabalho. Dessa forma, é visado desmistificar a ideia de uma perenidade na condição periférica do futebol brasileiro, uma vez que o Brasil foi uma das maiores centralidades do futebol profissional masculino com os títulos mundiais da seleção nacional e grandes times como o Santos de Pelé e o Flamengo de Zico. Para tal, utiliza-se as reflexões acerca da globalização enquanto um novo período técnico e a formação de um mercado internacional de transferências de jogadores a partir da Lei Bosman e a maior circulação de jogadores na Europa. No Brasil, o trabalho analisa os efeitos das leis Zico e Pelé, referentes a liberalização econômica do futebol nacional com o fim da Lei do Passe e a maior mobilidade dos jogadores de futebol. O método de análise se baseia em relatórios da FIFA e da CBF, assim como valores financeiros anunciados na imprensa.

**PALAVRAS-CHAVE:** globalização, futebol, Brasil, periferia, mercado.

---

1 Doutorando em Geografia Humana na Universidade de São Paulo, mestre e graduado em Geografia pela mesma universidade. E-mail: [rodrigo.almeida@usp.br](mailto:rodrigo.almeida@usp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7774-8100>.

## Introdução

Brasil, o país do futebol. Essa frase talvez seja uma das mais ouvidas por qualquer um nascido ou residente nesse país nos últimos 50 anos e faz referência às glórias do futebol nacional com cinco títulos mundiais da Seleção Brasileira, excursões e títulos internacionais dos clubes, além de lista longa de jogadores apontados dentre os melhores da história do esporte. O Brasil é o país de Leônidas da Silva, Garrincha, Jairzinho, Didi, Zico, Falcão, Ronaldo, Romário e tantos outros nomes que ocupariam um parágrafo à parte. Acima de tudo, o Brasil é o país de Pelé, o "atleta do século", que desfilou em seus gramados de 1956 a 1974.

Contudo, nos últimos anos tem surgido uma expressão denominada "pés-de obra", comum nos meios de comunicação tradicionais. O significado dessa expressão, segundo esses veículos de comunicação, é o papel do Brasil como formador de jogadores de futebol no intuito da venda dos direitos federativos a clubes estrangeiros. Não somente um papel de "exportador de jogadores", pois é sensível a saída dos melhores jogadores rumo às ligas da Europa Ocidental, relegando aos clubes e ligas locais um papel secundário dentro da estrutura mundial do esporte. Segundo o Observatório do Futebol do Centro Internacional de Estudos do Esporte (2020), 2743 brasileiros jogam no exterior, sendo a maior população de jogadores de futebol em solo estrangeiro atualmente.

Esse paradoxo criado entre as duas expressões é respondido superficialmente pelos especialistas midiáticos através de jargões ou palavras vazias como "atraso", "necessidade de modernização" e "falta de organização"<sup>2</sup>. Essa superficialidade não leva em conta uma série de fatores de reorganização do futebol em escala mundial nas últimas décadas, deixando subentendido que basta a reorganização ou a melhoria de gestão para que o Brasil tenha seus clubes e suas ligas dentre as mais ricas e com seus melhores jogadores nos clubes locais. Outra explicação muito comum é a questão econômica: países com maiores produtos internos brutos são aqueles que conseguem melhores condições de competição no mercado internacional. Assim, as relações centro periferia (WALLERSTEIN, 1977; FURTADO, 1996) seriam o fator explicativo ao fenômeno de adequação do futebol brasileiro a uma estrutura cujo centro dinâmico e centralizador de capital, incluindo jogadores.

Esses dois percursos explicativos por si só se mostram insuficientes para pensar as diferenças históricas entre dois períodos relativos ao futebol nacional. O primeiro

---

2 Conferir: *Por que o futebol brasileiro anda tão atrasado*: analista responde. IG Sports, 15/01/2020. Disponível em: <https://esporte.ig.com.br/futebol/2020-01-15/por-que-o-futebol-brasileiro-anda-tao-atrasado-especialista-responde.html>, acesso em 20/07/2023.

GRAFIETTI, C. *Sem união e organização o futebol brasileiro será apenas um pôster na parede*. Infomoney: 12 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/colunistas/cesar-grafietti/sem-uniao-e-organizacao-o-futebol-brasileiro-sera-apanas-um-poster-na-parede/>, acesso em 20/07/2023.

GOUSSINSKY, E. *Saiba porque a Europa perdeu o medo do futebol brasileiro*. Portal R7. Sessão de Esportes. 13/05/2021. Disponível em: <http://esportes.r7.com/futebol/saiba-porque-a-europa-perdeu-o-medo-do-futebol-brasileiro-13052021>, acesso em 20/07/2023.

período, como já apontado, corresponde à fase onde os clubes brasileiros tinham destaque e desempenho em nível mundial, contando com jogadores da Seleção Brasileira em seus quadros e disputando torneios em condições de igualdade ou até superioridade em relação aos clubes europeus. O segundo período, a atualidade, apresenta os clubes brasileiros sem qualquer competitividade no cenário mundial, especialmente nos campeonatos mundiais da última década organizados pela FIFA – Federação Internacional de Futebol.

O baixo desempenho esportivo perante os europeus também ocorre em âmbito econômico, pois em *rankings* especializados nos valores totais de elencos e dos clubes, a desigualdade é sensível. Dessa forma, os apontamentos sobre o desempenho do futebol de clubes no Brasil não dá conta desses dois momentos distintos, pois há uma simplificação dos problemas em torno de gestão e uma suposta necessidade de modernização de um lado, enquanto do outro há uma explicação macroeconômica resultante em duas falsas premissas:

1. O Brasil historicamente é um país periférico, cuja integração à economia mundial se dá de forma complementar, portanto é natural que o país tenha em seu futebol a característica de ser complementar ao europeu.
2. A economia nacional determina a potencialidade esportiva dentro do campo esportivo do futebol. Assim, quanto maior a produção de um país e suas empresas, maior é a capacidade de centralização de capital e por consequência a maior capacidade de investimentos e ações dentro do mercado.

As premissas acima são errôneas ao naturalizar a formação do mercado de transferência de jogadores atrelando-o ao poder econômico dos países. Primeiramente, caso fosse determinante à condição periférica de um país em relação ao desempenho esportivo no futebol, o Brasil não teria conseguido alcançar o patamar hegemônico entre as décadas de 1950 e 1990 no futebol mundial. Em um segundo ponto, é necessário elucidar a estruturação do mercado internacional do futebol através das normatizações, estruturações e regulações ocorridas na última década do século XX e a primeira década do século XXI à luz da globalização como fenômeno totalizante (SANTOS, 2014), e do processo de atrelamento do futebol à metropolização e à financeirização (MASCARENHAS, 2014). As motivações de se pensar na globalização como período de ruptura, está pelo fato da globalização ser o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista, também o “resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes” (SANTOS, 2001, p.26). Embora com particularidades, o mercado de futebol também se reestruturou a partir da década de 1990 com a abertura de capital nas bolsas de valores, visando aumentar a circulação de jogadores e aumentar os ganhos com produtos, exposição e transmissões televisivas em escala global.

Dessa forma, o artigo se divide em dois tópicos distintos. O primeiro tópico tem como objetivo elucidar o estado da arte em relação ao mercado de jogadores de futebol no período anterior à globalização. Assim como Lenin (1985), a análise parte da investigação de existência das condições materiais para afirmar a estruturação de um mercado interno e de um mercado externo de transferências de jogadores de futebol no Brasil. Nesse tópico, o trabalho discute aspectos econômicos e o desenvolvimento do futebol antes da globalização.

Ressalta-se que o artigo visa apresentar em qual momento há a inserção do Brasil dentro da lógica atual da divisão internacional do trabalho no campo esportivo do futebol. O futebol aqui citado é sempre o futebol profissional masculino, pois embora haja outras categorias e modalidades, essa é a única abrangente em boa parte do globo e com redes de circulação de pessoas, informações e capital consolidadas. Assim como, embora jogadores de futebol sejam vistos pela ótica da valorização do passe, aqui não há tentativa de naturalizar o jogador como um ativo financeiro, de modo a esvaziar seu conteúdo como trabalhador e indivíduo. Visando elucidar a lógica desse mercado, será apresentada a forma como os agentes envolvidos entendem essas transferências, especialmente as analogias possíveis em relação a um ativo de uma empresa.

### **A globalização e a formação de um mercado mundial de jogadores**

Lenin (1985) aponta que, ao entendimento do mercado interno, faz-se necessário o estudo de suas relações com o mercado externo e a inserção do país dentro da divisão internacional do trabalho. Dessa maneira, a participação de um determinado país nas trocas comerciais se dá através de sua capacidade produtiva, do valor agregado ao produto final e das condições concorrenciais internacionais. Até a década de 1990, o futebol não apresentava condições de formar um mercado próprio, até porque as mercadorias relacionadas ao jogo estavam em outros circuitos produtivos a venda de artigos esportivos, jogos, bonecos colecionáveis e afins estava inserida no circuito produtivo da indústria de bens semiduráveis, as transmissões esportivas estavam ligadas à produção de conteúdo dos grandes meios de comunicação. Não havia uma mercadoria própria ao mercado do futebol, cujo valor de troca (MARX, 1980) pudesse ser mensurado fora de outras cadeias produtivas.

Antes da estruturação do mercado relativo às transferências de jogadores, o final da década de 1980 foi o período de reestruturação dos clubes ingleses, derivados dos interesses do Governo Thatcher em tornar os estádios da Grã-Bretanha livres de “violência” e seus clubes financeiramente rentáveis. O ápice foi o *Taylor Report*<sup>3</sup>, documento cujos pontos principais focavam a mudança da estrutura do estádio passando do “modelo de arquibancadas e preços populares a um novo padrão voltado à classe média e maior poder de consumo” (GIULIANOTTI, 1994, p.25). Essas mudanças nos estádios foram acompanhadas por uma reestruturação

---

3 Trata-se de um documento encomendado pelo Gov. Britânico à polícia de Yorkshire, condado onde fica Hillsborough, estádio no qual 96 torcedores do Liverpool perderam a vida em uma partida de futebol.

mais ampla, com clubes abrindo capital no mercado financeiro e, *a posteriori*, a briga entre clubes e a *Football League* que resultaria na formação de uma liga gerida pelos clubes, a *Premier League*. Sobre esse período, diz Leoncini (2001, p.100) que “o Relatório Taylor (*Taylor Report*) está para a Inglaterra como a Lei Pelé está para o Brasil.

Esse roteiro seguido pelo futebol durante a década de 1990 é análogo ao que ocorria com as empresas em escala mundial. É possível entender a ambos os processos, dentro e fora do futebol, como algo relacionável à globalização. A globalização é o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista, também o “resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes” (SANTOS, 2001, p.26). Segundo Belluzzo e Galípolo (2017), a globalização provocou uma revolução na estrutura econômica mundial através da reorganização da estrutura produtiva, de ondas de fusões e a consequente centralização da propriedade. Esse processo desencadeia aquilo que Santos (2001) chama de racionalização, ou seja, a normatização e a estruturação do espaço visando à maior fluidez de circulação de capital e mercadorias. No âmbito do futebol, recuperamos o sentido de horizontalidade dado por Santos (2014), já que há o acontecer de clubes maiores e menores formarem jogadores simultaneamente, disputando competições em comum, trocando informações e valorizando seus ativos de maneira conjunta. O que diferencia a ambos são as verticalidades, ou seja, os destinos de maior densidade de capital dos jogadores formados pelos times grandes em comparação aos demais, cuja destinação pode ser quadro profissional do clube grande.

A mundialização financeira vai se constituir numa configuração paradoxal em favor dos países dotados de praças financeiras (CHESNAIS, 2005). A mundialização financeira não se deu sem hierarquia em escala global como, talvez, em algum discurso fosse possível pensar. Esse mercado global tem centros de decisão e seus principais fluxos têm maior densidade nos países centrais, evidenciando a dinâmica das cidades globais. Esse processo começa em meados dos anos 1980, segundo Chesnais (2005), quando surgem mercados especializados que fazem o capital financeiro ter proeminência através de privilégios econômicos e sociais, como a diminuição das barreiras e taxas, chamados comumente de liquidez. Em termos globais, a empresa integradora se verticalizou, vendendo ativos e terceirizando atividades, e forçou seus fornecedores a ganharem escala mundial e a fundirem, num grande efeito cascata – tornando o que Aglietta (1986, p. 217) chama de “grande empresa”. A industrialização dependente tornou-se secundária frente ao quadro de predomínio da produção agrícola e da mineração (IBGE, 2021). Portanto, afirma-se a dependência econômica do Brasil e sua situação de subdesenvolvimento. Embora haja locais nas grandes metrópoles mundiais, inclusive São Paulo, com serviços e relações financeiras altamente especializadas (HARVEY, 2010), não há como supor a superação de países centrais e países periféricos.

A valorização dos clubes e campeonatos europeus ocorreu a partir da década de 1990, especialmente após a assinatura da Lei Bosman de 1995<sup>4</sup> da União Européia. Essa lei foi responsável pela livre circulação de jogadores de futebol nos países membros do bloco, tendo partido da demanda jurídica jogador Jean-Marc Bosman, interessado em sua livre-circulação como trabalhador nas ligas pertencentes ao bloco. A lei e uma série de medidas desregulatórias, como a abertura de capital na bolsa de valores pelos clubes ingleses (GIULIANOTTI, 1994), possibilitaram aos clubes mais ricos da Europa<sup>5</sup> a composição de elencos com jogadores das mais diversas nacionalidades comunitárias. A partir de então, a restrição a jogadores de outras nacionalidades também foi paulatinamente dissolvida, tornando os clubes europeus em grandes seleções internacionais.

O enriquecimento dos grandes clubes europeus levou à concentração de jogadores de maior talento em clubes com maior poder de investimento através da possibilidade de tirar jogadores de clubes de menor capital, o que é análogo ao processo de concentração e centralização de capital descrito por Aglietta (1986). Dessa forma, se grandes jogadores como Pelé, Gérson, Tostão e Sócrates passaram boa parte da carreira atuando no Brasil, os jogadores brasileiros de destaque, como Neymar Jr. e Philippe Coutinho, em poucos anos como profissionais já têm seus passes vendidos a clubes estrangeiros. Há casos, como Afonso Alves e Roberto Firmino<sup>6</sup>, de jogadores brasileiros ganhando destaque e convocados à Seleção Brasileira sem terem atuado por nenhum grande clube no Brasil. Esse último caso é importante, pois elucida que a capitalização e a internacionalização pós-Bosman permitiram que times menores ou ligas secundárias da Europa também buscassem jogadores no Brasil, especialmente em clubes de menor aporte. Dessa forma, não somente os clubes grandes do Brasil foram inseridos nesse padrão de “exportação” de jogadores, pois as demandas por jogadores foram se diversificando.

A *Premier League*, primeira divisão nacional da Inglaterra, arrecadou 12,9 bilhões de reais em 2018 somente em direitos televisivos, distribuindo esse valor entre os 20 clubes participantes. Isso explica parcialmente os gastos totais em transferências em 1,13 bilhão de reais nas janelas de transferências da temporada de 2018-19, remessas altas de capital mesmo dentro do campo esportivo. O faturamento total da liga inglesa em 2018 foi de aproximadamente 24 bilhões de reais, enquanto as ligas principais de Alemanha e Espanha arrecadaram 13 bilhões de reais cada, a liga italiana 9 bilhões de reais, a francesa 7 bilhões e a brasileira apenas 4 bilhões de reais (CBF, 2018). Assim, há uma sensível hierarquização das ligas

---

4 A *Lei Bosman se consolidou, e mudou futebol mundial*. Portal Trivela. 13/01/2014. Disponível em: <https://trivela.com.br/a-lei-bosman-se-consolidou-e-mudou-futebol-mundial/>. Acesso em 12/05/2023.

5 A FIFA inclusive ressalta as transferências dos clubes de maior capital através do Relatório “Big 5” de transferências em cada janela de transferências. As janelas de transferência são em dois períodos: entre janeiro e fevereiro; entre julho e agosto de cada ano.

6 As grandes atuações que levaram Roberto Firmino à Seleção Brasileira foram no Hoffenheim, clube de média expressão da Alemanha, enquanto Afonso Alves chegou à Seleção Brasileira enquanto atuava pelo modesto Middlesbrough da Inglaterra.

conforme o aporte financeiro. Outro dado que aponta essa hierarquização está disponível no “Relatório de Impacto do Futebol Brasileiro na Economia” da CBF de 2019 no que tange os valores de contratos televisivos. Segundo o documento, naquele ano a Série A do Campeonato Brasileiro arrecadou uma somatória de 468 milhões de euros, enquanto a Ligue 1 da França arrecadou 845 milhões de euros, a Bundesliga da Alemanha 1,39 bilhão, a Série A da Itália 1,09 bilhão e a Espanha 2,11 bilhões de euros.

Além disso, os grandes clubes europeus recebem quantias exorbitantes também para a exibição de patrocínio, inclusive com parcerias com empresas locais em pontos distintos do mundo. Essa realidade reafirma as disparidades econômicas entre os integrantes das ligas do “Big 5” da Europa e os clubes do Campeonato Brasileiro, o que ocasiona uma fragilidade mercadológica dos clubes nacionais perante as quantias maiores oferecidas pelos clubes europeus aos jogadores mais talentosos. É perceptível a concentração de jogadores brasileiros de alto rendimento na Europa a partir de uma análise de convocações da Seleção Brasileira à Copa do Mundo: em 1982 apenas 2 jogadores que disputaram a Copa do Mundo atuavam no exterior; em 1994 foram 11 jogadores convocados atuando no exterior; 10 jogadores atuantes fora do Brasil convocados à Copa de 2002; em 2018, dos 23 selecionados apenas 3 não atuavam por algum clube fora da América do Sul. De modo a elucidar a mudança no número de estrangeiros na Europa, na *Premier League* da temporada 1992-93, havia apenas 13 estrangeiros enquanto na temporada 2017-18 havia jogadores de 65<sup>7</sup> nacionalidades diferentes. O Brasil possui um papel dentro da divisão internacional do trabalho do futebol como fixo que emana fluxos de jogadores de alto rendimento aos clubes de ligas ricas. Há a vinda de jogadores europeus, asiáticos e latino-americanos ao país – porém, com exceção ao último grupo, é um fluxo residual em relação ao movimento inverso.

### **A normatização interna: as leis Zico e Pelé enquanto aberturas do Brasil ao futebol globalizado**

De modo a possibilitar essa inserção dos clubes brasileiros na lógica financeirizada de transferência de jogadores, houve necessidade de modificações visando desregular o mercado brasileiro e possibilitar a abertura dos clubes e “passes” ao capital externo. Nesse âmbito, a primeira normatização é a lei 8.028/90 conhecida por “Lei Zico” devido à criação por parte do ex-jogador de futebol e à época secretário de Esportes chamado Artur Antunes Coimbra, o “Zico”. Dentre outras coisas, essa lei facultava aos clubes a permanência como entidades sem fins lucrativos ou a formação de clubes-empresas nos modelos sociedade anônima desportiva (S.A.D), aberta ao mercado financeiro ou uma empresa de caráter limitado (LTDA). Outros dois pontos importantes dessa lei são a independência da presidência das confederações em relação ao Estado, como ocorria nos tempos da Ditadura

---

7 Fonte: BERNSTEIN, J. *There were only 13 foreign players back when the Premier League began in 1992... so, how many do YOU remember?* Daily Mail. Sessão Mail Online, 09/08/2007. Disponível em: <[https://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-4774796/Premier-League-13-foreign-players\\_season.html](https://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-4774796/Premier-League-13-foreign-players_season.html)>. Acesso em 21/07/2021.

Militar (SANTOS, 2012) e o incentivo legal aos clubes na formação de jogadores com 20% do direito de arena, ou seja, 20% do total ganho com a imagem do atleta.

A Lei Zico evidencia uma flexibilização do caráter sem fins lucrativos dos clubes de futebol, deixando a cargo de cada entidade a adoção desse modelo. Esse quadro evidencia uma abertura do futebol brasileiro ao mercado financeiro, uma vez que clubes poderiam ter ações comercializadas ou serem fundados com a finalidade lucrativa. Portanto, os clubes poderiam entrar na categoria de empresas de sociedade anônima, com capital aberto, ou na modalidade de empresas cujos donos são poucos e detêm o controle total da empresa (LTDA). Esse foi um primeiro passo de flexibilização do futebol brasileiro para a entrada de empresas e agentes privados, pois abriu a possibilidade da transformação do caráter de entidade sem fins lucrativos em empresa privada. O interessante é que, em um primeiro momento, a grande maioria dos clubes optou pela continuidade em seu caráter de entidade sem fins lucrativos. Os grandes clubes brasileiros, sobretudo, têm resistido a esta transição, seja pela inércia do caráter amador que fundou e sustentou suas formações, seja pelo desconhecimento sobre o novo regime jurídico e suas formas. No entanto, desde 1990, um conjunto de instituições de pequena capacidade de investimento tem refletido com maior ênfase os efeitos dessa nova forma de gestão, alterando os padrões de circulação de jogadores.

O segundo passo à abertura da circulação de jogadores foi a lei 9.615/98, conhecida como Lei Pelé, com as devidas alterações das leis 9.981/00, 10.654/01 e 10.672/03, cuja finalidade foi destituir o passe do jogador de futebol, dando ao atleta o direito de romper seu contrato com uma agremiação em qualquer momento desde que observadas as devidas compensações financeiras. Com o fim do passe, tornou-se possível um volume maior de transferência de jogadores, uma vez que a lei colocou o tempo máximo de contrato em cinco anos e deu a possibilidade de rompimento durante esse período. A Lei Pelé, de início, estabelecia um prazo máximo para a transformação total dos clubes em empresas, porém a lei 9.981/00 retirou essa cláusula inicial voltando ao caráter optativo oferecido pela Lei Zico. No entanto, é notável que a Lei Pelé retirou o poder dos clubes sobre a carreira de seus jogadores, tornando as relações dadas por contratos mais curtos e com uma mobilidade maior dependendo das condições financeiras.

Em termos trabalhistas, quem normatiza as relações de contrato entre jogadores e clubes é cada Estado, através das leis trabalhistas, e a FIFA através de suas "*Regulations on the Status and Transfer of Players*" (Regulamentações sobre o Status e a Transferência de Jogadores, versão de 2020). Nesse documento, há a distinção entre jogadores amadores e jogadores profissionais, sendo que qualquer jogador com menos de 18 anos de idade é considerado um jogador amador. Esse jogador amador, segundo a FIFA, tem direito a uma bolsa ou ajuda de custo, sendo que, se o clube tem um certificado de clube formador da confederação local, há a devolutiva de todo o valor investido, assim como a possibilidade de abertura de um contrato de formação. Nesse contrato há a possibilidade de serem pagos valores maiores, assim como a responsabilidade pela escolarização e abrigo do jogador em formação.



No Brasil, segundo a CBF (2021), existem 40 clubes com o Certificado de Clube Formador, sendo que apenas 4 são nordestinos e 1 do Centro-Oeste, com os demais provenientes da Região Concentrada do Brasil. Podemos citar clubes-empresas como Red Bull Bragantino, propriedade da empresa multinacional de bebidas; Figueirense e Ferroviária, clubes que eram entidades sem fins lucrativos e tornaram-se clubes empresas; e clubes-empresas de divisões regionais ou com plantéis apenas abaixo dos 18 anos de idade, caso do Desportivo Brasil de Porto Feliz-SP. Desse modo, clubes da elite do futebol brasileiro como Ceará e Fortaleza não possuem esse certificado, assim como clubes de expressão nacional como Paysandu-PA, Santa Cruz-PE e Coritiba-PR também não constam.

Assim, podemos entender que há um mercado mundial especializado com agentes e instituições no Brasil voltados ao mercado externo, enquanto há um mercado interno brasileiro concentrador de capital na Região Concentrada (SILVEIRA et. al, 2001), especialmente no estado de São Paulo. Como Rangel (1957) aponta, a observação do mercado interno se faz em conjunto do mercado interno devido à complementaridade entre ambos. Em termos espaciais, trata-se de uma análise da particularidade territorial brasileira frente ao movimento global. Assim, distingue-se a divisão social do trabalho entre a divisão internacional do trabalho e a divisão territorial do trabalho, variando conforme as redes, fluxos e densidades envolvidas no processo (ARROYO, 2015). Afinal, como Damo (2005) aponta, as bases onde são formados os jogadores brasileiros podem vir a formar jogadores de alto nível ao exterior, porém há a necessidade de jogadores para os próprios clubes brasileiros.

Algo que pesa na análise é a questão cambial relativa ao futebol brasileiro. Com a valorização do dólar perante o real durante os últimos 5 anos, há uma série de impactos relativos ao mercado externo e ao mercado interno de transferências de jogadores. Primeiramente, todo o mercado interno brasileiro hoje é pautado no real, especialmente para evitar que a flutuação em relação ao dólar modifique demais o valor recebido por um atleta vindo do exterior em relação aos demais do elenco. É curioso notar que não há tentativa de protecionismo por parte do Estado brasileiro ou da Confederação Brasileira de Futebol, tendo os clubes que arcar com as dificuldades de produção de valor (televisão, patrocínio, bilheteria, produtos outros) em moeda local, enquanto as transferências internacionais estão pautadas no euro e são realizadas via dólar. Isso aumenta a atração do jogador ao exterior, pois mesmo jogando em clubes menores e ligas fora das *Big 5*, e mesmo o salário sendo baixo aos padrões do exterior, acaba sendo competitivo no momento em que o dólar está aproximadamente 5 vezes o valor do real. Por outro lado, a cotação mais alta do dólar torna os negócios no exterior mais chamativos, desde que não haja um aumento expressivo nos valores pagos em salários e transferências domésticas. Ademais, os valores pagos em premiações e participações de torneios internacionais, como os casos da Copa Libertadores da América, da Copa Sul-Americana e da Recopa Sul-Americana, são todos em dólar, o que as tornam imprescindíveis a qualquer clube quando classificado. No entanto, embora seja uma vantagem competitiva a venda em dólares, observando o histórico financeiro dos grandes

clubes, as dívidas de boa parte dos clubes vêm crescendo nos últimos atingindo, em soma total, mais de 10 bilhões de reais.<sup>8</sup>

Analisando o “Relatório de Transferências” (CBF, 2020), há três fluxos distintos no mercado externo brasileiro:

(1) Os fluxos de grande valor agregado, ou seja, as transferências envolvendo mais de 10 milhões de reais aos clubes brasileiros. Normalmente, os receptores são das *Big 5* ou de clubes de outras regiões da Europa, especialmente Ucrânia e Rússia.

(2) Fluxo que envolve um grupo intermediário que possui capacidade de investimento, porém com menor representatividade esportiva internacional, caso de China, Estados Unidos, Índia e clubes provenientes do Oriente Médio.

(3) Fluxo de baixo valor agregado, envolvendo transferências às ligas menores ou países de baixa representatividade no futebol como Vietnã, Indonésia, Austrália e uma enormidade de países.

É sensível a diferença de densidade entre os fluxos financeiros e de pessoas entre os três casos analisados: o primeiro possui a menor quantidade de jogadores envolvidos, porém o valor agregado é o maior; o segundo possui uma quantidade menor de jogadores envolvidos e o valor de suas transferências não chega ao mesmo nível do primeiro grupo; e o terceiro envolve a maioria esmagadora dos jogadores, porém com valores ínfimos. Essa constatação é fundamental ao elucidar que a grande maioria dos jogadores de futebol emigrantes do Brasil não se dirige aos grandes clubes dos mercados de países centrais, pois seus fluxos envolvem idas a outras ligas e países com salários e condições de trabalho muitas vezes inapropriadas.

Sobre a valorização do jogador como um ativo financeiro, Rezende (2004) diz que, durante o ato da compra de seus direitos por um clube ou qualquer pessoa jurídica, os jogadores de futebol são postos como ativos humanos dentro do conceito de capital intelectual que “compreende os benefícios que um indivíduo pode proporcionar para as organizações por meio de suas atividades, expertise, criatividade, conhecimento, habilidade para resolver problemas, tudo visto de forma coletiva e dinâmica” (REZENDE, 2004, p.21). Junto ao capital intelectual, o autor elenca que também parte importante do valor do jogador e do retorno que este pode dar ao seu investidor, está nos direitos de imagem. Portanto, jogador de futebol é visto como um ativo onde se exclui o valor de sua força de trabalho e é colocado como um investimento, uma reserva de valor futuro, quando valorizará e poderá ser vendido ou ter sua imagem ser valorizada e transformada em produtos.

Em termos do mercado interno, há a concentração de capital entre os clubes da Primeira Divisão, especialmente os do Centro-Sul. Esses clubes recebem quantias

---

8 MATOS, R. *Contas de clubes têm dívidas de R\$ 10 bilhões e abismo para Flamengo e Palmeiras*. Portal UOL. Colunas. São Paulo: 06/05/2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rodrigo-mattos/2021/05/06/contas-de-clubes-tem-dividas-de-r-10-bi-e-abismo-para-flamengo-e-palmeiras.htm>, acesso em 20/07/2023.

muito díspares de direito de transmissão, exposição de patrocinadores e até de parcerias por material esportivo. O Palmeiras, líder da Primeira Divisão de 2021, recebe atualmente 115 milhões de reais por exposição de patrocinadores em sua camiseta, enquanto o Coritiba na Segunda Divisão soma apenas 6 milhões de reais. Colocando em perspectiva regional, a Região Concentrada centralizou 441 milhões de reais em patrocínio, ocupando 9 das 10 posições possíveis de maiores patrocínios. O único time de outra região é o Bahia, que arrecadou 18 milhões de reais. As desigualdades existentes no futebol nacional são extremas, pois um clube de mesma divisão arrecadou 10 vezes mais em relação ao concorrente de outra região. A lógica é mantida quando observados 182 milhões de reais em direitos televisivos ao Palmeiras, primeiro colocado nacional, e 54 milhões de reais ao Bahia, primeiro colocado fora da Região Concentrada. A divisão territorial do trabalho, portanto, aponta para uma rede de fluxos em direção aos grandes clubes de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, pois o poder de compra aliado às normatizações da CBF torna impossível qualquer concorrência esportiva e financeira.<sup>9</sup>

Os clubes grandes recebem valores altos em transferências com a Europa, o que raramente envolve algum clube que não seja os que possuem o Certificado de Clube Formador ou esteja na Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro, e utilizam esses valores na compra de jogadores e manutenção de elencos tanto aos profissionais quanto à base. Assim, os campeonatos estaduais, torneios de juniores e uma série de outros eventos locais servem como forma de exposição aos clubes da Primeira Divisão de jogadores potencialmente valorizáveis. De modo a manter a fluidez, muitos clubes já contam com metas orçamentárias dadas pela venda de atletas ao exterior, sendo que em alguns casos o jogador pouco é posto em campo pelo time principal. Portanto, o mercado nacional é bastante difuso e visa os clubes das principais divisões do país, sendo que nas divisões estaduais é comum que os contratos sejam temporários aos jogadores, pois não há calendário completo de competições durante o ano. Assim, no país onde um único atacante recebe valores próximos a 1 milhão de reais, temos uma maioria de jogadores que necessitam da venda de força de trabalho em outras categorias para sobreviver.

Após os dados observados, foi possível pensar em um mercado mundial de jogadores, sua divisão do trabalho e a inserção do Brasil nesse processo. Assim como foi possível notar como, a partir do mercado externo, houve uma estruturação do mercado interno no Brasil, resultando no aumento das desigualdades econômicas entre clubes grandes da Região Concentrada e os clubes do restante do país. Assim,

---

9 Coritiba, ainda assim, é um clube campeão brasileira da Primeira Divisão e do Centro-Sul. Fonte: *Palmeiras R\$ 20 milhões acima do Flamengo e São Paulo fora do top 10: o ranking do dinheiro de patrocínio no Brasil*. Portal ESPN. São Paulo: 06/05/2021. Disponível em: [https://www.espn.com.br/futebol/artigo/\\_/id/8591466/palmeiras-r-20-milhoes-acima-do-flamengo-e-sao-paulo-fora-do-top-10-o-ranking-do-dinheiro-de-patrocínio-no-brasil](https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/8591466/palmeiras-r-20-milhoes-acima-do-flamengo-e-sao-paulo-fora-do-top-10-o-ranking-do-dinheiro-de-patrocínio-no-brasil), acesso em 20/03/2023.

Fonte: *Veja os clubes brasileiros que mais faturaram com TV em 2020*. Portal R7. Sessão de Esportes. São Paulo: 11/05/2021. Disponível em: <https://esportes.r7.com/lance/futebol/veja-os-clubes-brasileiros-que-mais-faturaram-com-tv-em-2020-11052021#/foto/14>, Acesso 20/04/2023

uma nova divisão internacional do trabalho gera novas intencionalidades e rearranjos territoriais (SANTOS, 2014), o que é entendido através da divisão territorial do trabalho e suas redes próprias.

### **Considerações Finais**

A análise sobre o Brasil e seu passado de dificuldades em alcançar os países centrais, ou desenvolvidos, é parcialmente suficiente para resolver a questão sobre os motivos pelos quais o Brasil hoje não tem sua liga entre as mais importantes do campo esportivo do futebol. A parcela insuficiente dessa análise se dá por conta da história do futebol mundial não ser ditada por seu mercado mundial. Na realidade, é notável que o mercado mundial de jogadores só pôde existir a partir das condições técnicas advindas da globalização, uma vez que tanto para a circulação da informação quanto para a formação de clubes conhecidos globalmente, e daí com capacidade global de capitalizarem-se, era necessário um sistema de simultaneidade para a transmissão de jogos.

Nesse íterim entra a parcela explicável sobre a inserção do Brasil na divisão internacional do trabalho do futebol, pois o domínio das redes de comunicação, o poderio econômico das grandes empresas e o poder de investimento nos países do *Big 5* são muito superiores aos mesmos fatores quando observados no Brasil. Os clubes europeus se aproveitam de sua centralidade mundial para reforçarem sua força perante o futebol brasileiro e sul-americano no geral. Aliás, diria Santos (2001) que o imperativo da globalização é a fluidez em níveis cada vez mais competitivos entre empresas, sendo então importante ao mercado europeu a ausência de concorrência por parte do mercado sul-americano.

O futebol brasileiro anterior à globalização estava razoavelmente livre de ofertas de clubes europeus ou de outras partes do planeta. Por conta disso, houve o fortalecimento do esporte profissional masculino a ponto de chegar ao nível de excelência experimentado entre as décadas de 1950 e 1990. É difícil pensar em uma rápida resolução do papel de exportador de valores vivenciado atualmente e, portanto, de uma nova experiência baseada em times com jogadores capazes de enfrentar e vencer qualquer time do mundo. Aliás, pensando na questão cambial, quanto maior for a desvalorização da moeda brasileira frente ao dólar, piores serão as condições de barganha dos clubes brasileiros no mercado internacional. As normatizações somente da FIFA e a não-caracterização desse mercado como os demais, especialmente em regulação estatal, apontam formas de explicação em relação a ausência do Estado como comerciante.

Ressalta-se que as discussões sobre o mercado mundial de jogadores são muito amplas e o trabalho se concentrou em determinar uma periodização plausível a trabalhar com dados e números provenientes desse mercado. A globalização como evento histórico é o determinante entre dois períodos econômicos distintos no campo esportivo do futebol. É sensível que a globalização como movimento totalizante se manifesta não somente nas escalões dos clubes, porém nas renovadas estruturas dos estádios, no aumento do preço dos ingressos, na

quantidade de torneios exibidos somente em sistemas *pay per view* e na quantidade de camisetas de clubes europeus presentes na paisagem das grandes metrópoles brasileiras.

A discussão sobre um mercado internacional de jogadores de futebol abre um leque enorme de outras possibilidades de discussão. A principal delas, a ser desenvolvida em outro momento, é a relação de trabalho existente entre os jogadores de futebol desde a formação nas bases. Afinal, se é compreendido que clubes entendem jogadores de futebol como ativos financeiros, é necessário analisar essa relação pelo viés do jogador de futebol como trabalhador, suas condições de trabalho e sua inserção dentro da produção de valor referente ao campo esportivo do futebol. Outras discussões são referentes aos agentes nacionais e internacionais que compõem esse mercado, assim como a formação de verdadeiras transnacionais esportivas envolvendo a compra de direitos federativos de jogadores e até clubes de futebol em diferentes países.

## Bibliografia

- AGLIETTA, M. Segunda parte. Cap. IV – Concentración y centralización del capital. In: *Regulación y crisis del capitalismo*. 3ª edição. México: Veintiuno Editores, 1986; AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Ed. Mauad, 2002. 2.ed;
- ALMEIDA, R. *Canários e condores: a configuração territorial do futebol no Brasil durante a Ditadura Militar (1964-1985)*. Trabalho de Graduação Individual em Geografia defendido no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007;
- ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora Unesp, 1996.
- ARROYO, M. Circuitos espaciais de produção industrial e fluxos internacionais de mercadorias na dinâmica territorial do estado de São Paulo. In: *Boletim Campineiro de Geografia*, v.2, n.1, 2012;
- BELLUZZO, L., GALÍPOLO, G. *Manda quem pode, obedece quem tem juízo*. São Paulo, Contracorrente, 2017;
- BRASIL (1990). *Lei federal número 8.028*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8028.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8028.htm)> Acesso em: 09/07/2020;
- BRASIL (1998). *Lei federal número 9.615*. Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9605.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9605.htm)> Acesso em: 09/07/2020;
- CHESNAIS, F. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. In: \_\_\_\_\_, F. (org.). *A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configuração, consequências*. São Paulo: Boitempo, 2005b;
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. *Certificado de clube formador (2020)*. Disponível in site: <<https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/registro-transferencia/certificado-de-clube-formador>>. Acesso em 25/07/2020;
- \_\_\_\_\_. *Relatório do Impacto do Futebol Brasileiro na Economia*. Disponível em: <[https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201912/20191213172843\\_346.pdf](https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201912/20191213172843_346.pdf)>, 2019, acesso em 05/08/2020.
- \_\_\_\_\_. *Relatório de Transferência de Jogadores*. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/registro-transferencia>>, acesso em 05/08/2020;
- DAMO, A. *Do Dom a Profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de defesa para a obtenção do título de doutor junto ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005, 435f;
- FAVERO, P. *Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol*. Dissertação apresentada a FFLCH-USP para obtenção do título de Mestre em Geografia Humana. Orientador: Prof. Dr. André R. Martin. São Paulo: 2009;
- FEDERATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION (FIFA). *Big 5 Report*. Disponível em: <[http:// https://www.fifa.com/who-we-are/official-documents/#>](http://https://www.fifa.com/who-we-are/official-documents/#>), acesso em 05/08/2020;
- \_\_\_\_\_. *Regulations on the Status and Transfer of Players*, 2020. Disponível em: <[http:// https://www.fifa.com/who-we-are/official-documents/#>](http://https://www.fifa.com/who-we-are/official-documents/#>), acesso em 05/08/2020;
- FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: Editora Globo, 5ª edição, 2ª reimpressão, 2008;
- FURTADO, C. *Introdução ao desenvolvimento econômico: enfoque histórico-estrutural*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2000;
- \_\_\_\_\_. *O mito do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1996;
- GIULIANOTTI, R. Social identity and public order: political and academic discourses on football violence. In: \_\_\_\_\_; BONNEY, N; HEPWORTH, M. *Football, violence and social identity*. London: Routledge, 1994; p.10-36;
- LENIN, V. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria*. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 2ª edição, 1985;
- LEONCINI, M. *Entendendo o negócio futebol: um estudo sobre a transformação do modelo de gestão estratégica nos clubes de futebol*. Tese de defesa para obtenção do título de doutorado pelo Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 2001;
- MASCARENHAS, Gilmar. *A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*. Tese (doutorado) – Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001;
- \_\_\_\_\_. *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, 256p.;

- MARX, K. *O Capital*: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980, 4ª edição, volume I, cap. 1;
- PRONI, F., ZAIA F. Gestão empresarial do futebol num mundo globalizado. In: RIBEIRO, L. (org) *Futebol e Globalização*. Jundiaí: Editora Fontoura, 2007;
- RANGEL, I. *Dualidade da economia brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1957;
- \_\_\_\_\_. *Economia*: milagre e anti-milagre. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1985;
- REZENDE, A. *Estudo sobre as decisões identificadas na gestão de contratos de jogadores de futebol: o caso do Clube Atlético Paranaense*. Dissertação apresentada a FEA-USP para obtenção do título de Mestre em Contabilidade. Orientador: Prof. Dr. Carlos A. Pereira. São Paulo: 2004;
- SANTOS, Daniel dos. *Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol*. Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais. - 2012.148 f;
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Economia espacial*: críticas e alternativas. 2.ed., 2.reimpr. São Paulo: Edusp, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Por uma nova globalização*: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Editora Record, 6ª. Edição, 2001;
- SILVEIRA, Maria Laura. SANTOS, Milton. *O Brasil: território e sociedade no século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 18ª Ed., 2014;
- SARMENTO, C. *A regra do jogo*: uma história institucional da CBF. CRUZ, A.M.N. RODRIGUES, J., SARMENTO, C.(orgs). Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 176f; SILVA, M. *O Brasil nas Copas*. São Paulo: Editora Alameda, 2010;
- YORKSHIRE POLICE DEPT. *Interim report*: The Hillsborough stadium disaster, April 15th 1989. London: Her Majesty's Stationary Office, 1989.
- WALLERSTEIN, I. *The capitalist world-economy*. London: Cambridge University Press, 1977.

### **Globalization and football: the worldwide footballer's transfer market and the centre-periphery question in Brazil**

This work aims to discuss and to think about the peripheral conditions in which the Brazilian football is inserted at the international division of labour. Thus, we mean to clarify the notion of perpetuity for the Brazilian football peripheral condition, since Brazil is one of the greatest centralities of masculine professional football by the world titles and great squads like Pelé's Santos and Zico's Flamengo. To this goal, we've made reflections about the globalization as a new technical period and the formation of an international footballer's transfer market since Bosman Law and the increased flows of footballers to Europe. In Brazil, this work produces an analysis about the effects of the Zico and Pelé laws for the economical liberalization in national football following the end of Lei do Passe and the higher mobility of footballers. Our analysis method is based in FIFA and CBF reports, as well as financial values in the press.

**KEYWORDS:** globalization, football, Brazil, periphery, market.

### **Globalización y fútbol: el mercado mundial de transferencias de jugadores y la cuestión centro-periferia en Brasil**

Ese artículo tiene como objetivo una discusión y una reflexión acerca de las condiciones periféricas de las cuales el fútbol brasileño está insertado en la división internacional del trabajo. Más allá, buscamos desmitificar la idea de una perpetuidad en la condición periférica del fútbol brasileño, ya que Brasil estuvo como una de las más grandes centralidades del fútbol profesional masculino, ganando cinco competencias por la selección nacional y grandes equipos como Santos de Pelé y Flamengo de Zico. A eso reflejamos acerca de la globalización como un nuevo período técnico y la formación de un mercado internacional de transferencias de jugadores desde la Ley Bosman y el engrandecimiento de la circulación de jugadores de fútbol por Europa. In Brasil, el artículo mira la análisis los efectos de las leyes Zico y Pelé, en referencia a la liberalización económica del fútbol nacional tras el el fin de la Ley de Passe y la más grande movilidad de los jugadores de fútbol. Nuestro método de análisis se basa en los informes de FIFA y CBF, así como en valores financieros en la prensa.

**PALABRAS CLAVE:** globalización, fútbol, Brasil, periferia, mercado.

Artigo recebido em maio de 2023. Aprovado em agosto de 2023.